

**5.º**

**congresso  
do  
algarve**

**1988**

**20-23 jan.**

vol. 1



2 vols.

6.000/92

5.º

CASA DA CULTURA DO ALGARVE



congresso  
do  
algarve

DO FÓRUM DO ALGARVE

# comunicações

vol. 1

RACAL CLUBE  
HOTEL MONTECHORO  
20 - 23 jan. 1988

**Casa da Cultura António Bentes  
Biblioteca**



INTRODUÇÃO

**AO POVO DO ALGARVE**

As instituições de ensino superior, de investigação científica, de formação profissional, de investigação e de desenvolvimento científico e tecnológico que existem em Algarve, embora...

Devemos, com o apoio do Estado, estabelecer com o povo que somos povos, relações mais estreitas e...

Devemos, com a ajuda do Estado, estabelecer relações mais estreitas com o povo, de modo a...

Com o que, para o bem da cultura, do povo, do ensino, da investigação, do desenvolvimento...

O Algarve precisa de mais instituições...

O Secretariado

João Manuel Guerreiro Matoso

**O Secretariado**

- João Manuel Guerreiro Matoso*
- Jorge Ribeiro Silva Pereira*
- João António Gago Formosinho Mea-  
lha*
- Eduardo Cabrita dos Santos*

HELENA CATARINO<sup>x</sup>

## 1. INTRODUÇÃO

É sempre difícil, apenas a partir de um exame arquitectónico, precisar cronologicamente as construções defensivas de modo a estabelecer uma classificação diacrónica da sua ocupação. Por isso, apenas se poderá avançar para um conhecimento global da ocupação do espaço onde se integram os castelos de Salir e Paderne compreendendo as suas funções de protecção estratégica, o funcionamento da sua relação com as alcarias dispersas e estabelecendo períodos de ocupação e abandono a partir de análises estratigráficas.

Foi reconhecendo a necessidade de estudar e preservar estes monumentos militares em taipa e compreender as estratégias do povoamento rural circundante que se elaborou um projecto de investigação (1) que visa estabelecer, a partir de dados históricos e arqueológicos bem como de análises tipológicas de construção, uma classificação e explicação diacrónica dos mesmos. Assim, iniciaram-se no verão de 1987 as primeiras campanhas de escavação e reconhecimento do território na área de implantação destes castelos algarvios.

## 2. O CASTELO DE SALIR

De construção muçulmana, sabe-se que este castelo, juntamente com Paderne, serviu de linha de defesa aos reinos de Taifa meridionais. Situa-se na

---

<sup>x</sup> Assist. Est. da Faculdade de Letras de Coimbra e investigadora da Unidade de Arqueologia do Centro de História de Universidade de Lisboa

(1) Projecto que integra Helena Catarino para o estudo histórico e arqueológico e António Tavares para a análise tipológica da taipa

sede de freguesia de Salir e ergue-se no cimo de uma elevação de brecha calcária que se inclina suavemente para sudoeste e é quase abrupta para norte. A sua construção em taipa é composta de materiais diversos, onde abundam, bem compactados, fragmentos de cerâmica, telhas, pedras e ossos. Encontra-se actualmente muito destruído restando apenas quatro torres e pequenos troços de muralha que na maior parte dos casos integram paredes de casas que existem na área do castelo sendo, por isso, impossível, por ora, definir a totalidade do recinto amuralhado bem como identificar a porta de entrada e a barbacã.

Conquistado no reinado de D. Afonso III, foi aí que D. Paio Peres Correia aguardou as hostes que o ajudaram na reconquista do litoral. Terminado o seu papel na reconquista, deve ter em seguida entrado em decadência pois que tanto quanto nos é dado saber até ao momento, uma espécie de vazão se instalou em seu redor. No século XVI é referido por Frei João de S. José que diz possuir este castelo apenas alguns pedaços de muralha com seus cubelos, mas já tudo arruinado. Nos inícios do século XVII o licenciado Henrique Fernandes Sarrão salienta que ele está despovoado e quase derrubado. Hoje, as casas que se instalam na zona da sua implantação dificultam uma visão de conjunto sendo apenas possível intervir arqueologicamente nalgumas áreas, nomeadamente em antigos quintais das casas abandonadas. Assim, e graças à intervenção da Câmara Municipal de Loulé (1) procedeu-se a uma intervenção arqueológica próximo de uma das torres e de um antigo caminho. Se a superfície escasseavam os vestígios, à medida que se avançava na escavação (infelizmente dos dois quadrados abertos apenas se atingiu a rocha num deles) verificava-se uma potência estratigráfica que veio a revelar no quadrado F 10 um tramo de muralha com duas fases de construção, uma em taipa e outra em pedra e argamassa possivelmente acrescento ou reconstrução da primeira. A cerca de 180 cm de profundidade encontrava-se um orifício na muralha ladeado por dois pequenos muretes e que teria pertencido a um buraco para escoamento de águas. Em F 10 e F 11 identificaram-se muros de compartimentos habitacionais constituídos em taipa sobre alicerces de pedra e junto a uma das banquetes de F 11 um núcleo de telhado derrubado. Da análise estratigráfica, o nível 1 possui mistura de materiais medievais e actuais mas a partir do nível 2 as terras eram mais compactas e do espólio retirado salientam-se fragmentos de telhas medievais, de cerâmicas e um díreme de prata, quadrado, do período Almorávide/Almohada. A partir do nível 3 definiram-se bem as estruturas, algumas camadas de

---

(1) Agradece-se a esta autarquia pelo facto de ter subsidiado a totalidade dos trabalhos de campo.

destruições e incêndio associados a um espólio cerâmico atribuível grosso modo aos séculos XII e XIII.

### 3. O CASTELO DE PADERNE

Hoje completamente abandonado, mas bem visível o conjunto de muralhas e torres, o castelo de Paderne, construção em taipa bem compactada (os seus elementos constituintes são, ao contrário de Salir, bem triturados), situa-se num cabeço calcário numa espécie de península formada pela ribeira de Quarteira e rodeado de vales e encostas distando cerca de 2 km em linha recta para sul da actual sede de freguesia.

Com funções estratégicas na defesa da região durante o período muçulmano entra definitivamente na posse de Portugal no reinado de D. Afonso III quando Afonso X de Castela ordena a D. João de Aboim que entregue a este rei, entre outros, o castelo de Paderne, de que Afonso X tinha seido guardião durante a contenda que opôs estes dois soberanos (1). Em 1305 D. Dinis faz doação dele ao mestre da ordem de Avis, D. Lourenço, pelo que suponho tenhe sofrido nesta altura alguns restauros e continuasse a ser habitado. Mas no século XVI torna-se nítida a sua decadência e estado de abandono pois Frei João de S. José ao referir-se a Paderne não descreve o castelo. No entanto, nos inícios do século XVII, Henrique Fernandes Sarrão descreve-o como um castelo antigo, edificado pelos mouros. Embora muito antigo, os muros estavam ainda bem conservados bem como uma cisterna. Apesar de totalmente despovoado aĩ existia uma ermida com ermitão contínuo. O seu abandono total e a consequente degradação dos seus edifícios deve ter-se verificado, por isso, antes do século XVI, visto que não aparece referenciado na cartografia militar do reinado de D. Manuel.

Na primeira campanha de escavações no interior do monumento (2) optou-se por abrir uma quadrícula (composta por três quadrados) junto a um dos panos da muralha e longe da ermida e da cisterna, áreas de trabalho moroso que pressupõem uma equipa de trabalhadores mais alargada e melhores meios financeiros. Estratigraficamente, verificou-se que os primeiros 50cm de terras se encontram revolvidas, resultado das lavouras que até há bem pouco tempo aĩ se efectuavam. Foi a partir do nível 2 e 3 que se identificaram as estruturas. Defi-

---

(1) José Marques, pag. 24. Onde se reproduz o documento da chancelaria de Afonso II

(2) Para esta campanha obteve-se um subsídio do I.P.P.C. via Serviço Regional de Arqueologia do Sul

niu-se bem o tramo da muralha em G 21 e muros de habitação em G 20 e G21. Em F 20 até aos 110cm de profundidade nenhuma estrutura era visível, excepto uma zona de lareira com numerosos restos de alimentação ( ossos, fragmentos de cerâmica e uma tesoura). Entre os 110 e os 120cm vislumbrava-se neste quadrado um troço de muro com características diferentes dos até então identificados mas infelizmente tivemos que interromper os trabalhos de escavação (1) pelo que só no próximo ano se poderá esclarecer a sua cronologia. Do espólio retirado, salientamos numerosos fragmentos de cerâmica que grosso modo podemos atribuir aos séculos XIV e XV; vários objectos metálicos entre os quais uma placa de cinturão decorada, uma foice, uma faca e uma tesoura. Dos nove numismas referimos uma moeda romana do século I ou II ( a sua leitura é quase ilegível) dos níveis superficiais, e moedas do final da primeira dinastia e inícios da segunda.

### SÍNTESE

São de dois tipos as informações que podemos retirar desta primeira fase de trabalhos nos castelos de Salir e Paderne. Em primeiro lugar, e tendo em atenção e dicotomia povoamento rural / recintos fortificados podemos constatar a existência de aldeias abandonadas. Assim, em Salir no sítio da Boa Vista e no Castelo Velho, próximo de Paderne, prospectámos áreas de ocupação muçulmana, núcleos rurais associados a estes castelos.

Quanto aos resultados preliminares das escavações, podemos constatar uma certa diferença entre os dois monumentos não só sob o ponto de vista da constituição da taipa como também a nível da ocupação. Se em Salir os níveis de abandono são nitidamente do século XIII, em Paderne constata-se que o abandono é mais recente, mas provavelmente anterior ao século XVI excepto no caso da igreja que terá sido abandonada em sequência de desmoronamentos provocados pelo terramoto de 1755.

### REFERENCIAS

Guerreiro, M. Viegas e Magalhães, J. Romero ( 1983) - " Duas Descrições do Algarve do século XVI"; Cadernos de Hist. Econ. e Social; Lisboa  
Marques, José ( 1986) -" Os Castelos Algarvios na Ordem de Santiago no Reinado de D. Afonso III"; Caminiana, Vol. VIII, nº13, Caminha

(1) Devido à falta de verba não conseguimos atingir a rocha em nenhum dos quadrados deixando por esclarecer a totalidade estratigráfica nesta zona.